

O bem dito, o mal dito e o não dito: as experiências de discriminação racial entre estudantes universitários

Eliany Oliveira¹, Gleisson Lima², Maristela Vasconcelos¹, Flávia Oliveira¹, João Cordeiro¹, Ana Beatriz Costa¹, Paulo Pereira⁴, Paulo Almeida⁵

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará. Brasil.

²Universidade Federal do Ceará. Sobral, Ceará. Brasil.

³Estudante do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará. Brasil.

⁴Universidade Católica Portuguesa. Viseu, Portugal.

⁵Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

*Autor correspondente: ✉ elianyy@gmail.com

ORCID

Eliany Oliveira: 0000-0002-6408-7243

Gleisson Lima: 0000-0002-5465-2675

Maristela Vasconcelos: 0000-0002-1937-8850

Flávia Oliveira: 0000-0001-8225-4757

João Cordeiro: 0000-0003-2251-7177

Ana Beatriz Costa: 0000-0002-3816-0099

Paulo Pereira: 0000-0002-3941-8274

Paulo Almeida: 0000-0002-2867-802X

Resumo

Introdução: A discriminação racial é um fenômeno que está enraizado na sociedade, acontecendo em várias esferas, incluindo no âmbito universitário. **Objetivo:** Caracterizar as experiências de discriminação racial sofrida por estudantes universitários. **Materiais e métodos:** É um estudo de caráter exploratório, descritivo e transversal, com abordagem quantitativa realizado no período de setembro a dezembro de 2023 com a participação de 751 estudantes universitários de 5 instituições de ensino superior do estado do Ceará. O instrumento contemplava dados sociodemográficos e Escala de Experiências de Discriminação Racial. **Resultados:** Destaca-se nesse estudo que a maioria dos participantes são da raça parda, e foi a raça que mais declarou sofrer discriminação racial e são os alunos que mais aceitam o tratamento injusto racial como fato da vida. **Discussões:** O racismo histórico no Brasil atrasou a participação de negros e pardos nas universidades, que só começou a mudar significativamente com a Lei de Cotas de 2012. Apesar disso, as diferenças entre estudantes brancos e de cor persistem, e o racismo e discriminação que ocorrem no decorrer da graduação afeta negativamente na saúde mental desses estudantes. **Conclusão:** Vale ressaltar que é importante que a criação de um ambiente justo e igual para todos e que a luta racial pela igualdade e inclusão seja uma luta de todos.

Palavras-chave: Racismo; Saúde Mental; Estudantes; Universidades.

Abstract

Introduction: Racial discrimination is a phenomenon that is rooted in society, occurring in various spheres, including universities. **Objective:** To characterize the experiences of racial discrimination suffered by university students. **Materials and methods:** It is an exploratory, descriptive and cross-sectional study, with a quantitative approach carried out from September to December 2023 with the participation of 751 university students from 5 higher education institutions in the state of Ceará. The instrument included sociodemographic data and the Experiences of Racial Discrimination Scale. **Results:** It is noteworthy in this study that the majority of participants are of the brown race, and it was the race that most declared to suffer racial discrimination and they are the students who most accept unfair racial treatment as a fact of life. **Discussions:** Historical racism in Brazil delayed the participation of black and brown students in universities, which only began to change significantly with the 2012 Quota Law. Despite this, differences between white and colored students persist, and the racism and discrimination that occurring during graduation negatively affects the mental health of these students. **Conclusion:** It is worth highlighting that it is important that the creation of a fair and equal environment for everyone and that the racial fight for equality and inclusion is a fight for everyone.

Keywords: Racism; Mental Health; Students; Universities.

Introdução

A discriminação racial e o racismo são realidades profundamente arraigadas nas estruturas sociais, culturais e institucionais do Brasil. Embora a maioria das pessoas pense que os termos racismo, preconceito e discriminação racial signifiquem o mesmo, o racismo é uma forma de racismo sistêmico que leva a comportamentos hostis contra as pessoas com base na sua identidade racial, preconceito são julgamentos estereotipados e a discriminação racial é o tratamento desigual e injusto (Almeida, 2019). Na história do Brasil, a população negra sempre sofreu discriminação, marginalização e injustiças sistêmicas, tanto em locais

públicos quanto em ambientes educacionais. A escravidão impediu o acesso dos negros à educação superior até a fundação das universidades jesuítas no período colonial. Apenas nos anos 2000, o Brasil adotou políticas de ação afirmativa, como a Lei de Cotas (12.711/2012), para reduzir disparidades sociais e econômicas. Embora esta lei tenha ampliado o acesso dos negros ao ensino superior, ainda persistem desigualdades devido à demora na implementação de políticas compensatórias. Além disso, existe o mito da democracia racial, que sustenta a ideia de que não há racismo no país, por razão do Brasil ser um país miscigenado. No entanto, essa crença de harmonia racial é uma ilusão, pois oculta e banaliza as profundas desigualdades e injustiças enfrentadas pela população negra e outras minorias étnicas. Esse mito permite a negação do racismo e silencia as vozes que denunciam as disparidades raciais, perpetuando assim a exclusão e a invisibilidade (Munanga, 2020).

A entrada na universidade causa medo, preocupação, nervosismo e ansiedade, sendo uma fase nova e desafiadora. Além disso, os estudantes enfrentam problemas sociais e financeiros, e a discriminação racial agrava o sofrimento e afeta a saúde mental. Alunos negros são particularmente vulneráveis, enfrentando dificuldades para permanecer na universidade e altas taxas de evasão (Venâncio, 2023). A falta de suporte e recursos antirracistas no ambiente escolar perpetua esse ciclo prejudicial, destacando a necessidade urgente de medidas eficazes para promover equidade e inclusão (Valério et al., 2021). Assim este trabalho tem como objetivo caracterizar as experiências de discriminação racial sofrida por estudantes universitários.

Material e Métodos

Trata-se de um recorte de um estudo exploratório, descritivo e transversal, com abordagem quantitativa. Estudos transversais analisam a exposição a um fator ou causa e seu efeito em um grupo de indivíduos no mesmo período. Eles fornecem informações sobre a frequência ou prevalência de doenças ou fatores de risco e permitem associações entre variáveis de desfecho e covariáveis (Polit; Beck, 2019).

A pesquisa aconteceu entre 23 de setembro de 2023 e 16 de dezembro de 2023. Inicialmente, a coleta de dados ocorreu de forma virtual, através do envio do link do formulário da pesquisa aos estudantes via Gmail, e posteriormente, presencialmente nas instituições de ensino superior. O formulário foi elaborado utilizando o Google Forms e incluiu seções sobre informações sociodemográficas, Escala de Experiências de Discriminação. A coleta de dados presencial abrangeu os alunos de cinco Instituições de Ensino Superior (IES) do Ceará no período de novembro a dezembro de 2023. As instituições incluídas foram a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Faculdade Luciano Feijão (FLF), Faculdade 5 de Julho (F5) e Faculdade IEducare (FIED).

A Escala de Experiências de Discriminação Racial mensura experiências discriminatórias baseadas em etnia, raça ou cor da pele. Publicada inicialmente em 1990 no estudo Coronary Artery Risk Development in Young Adults, foi reformulada e revalidada para a população norte-americana (Krieger, 1999). Composta por cinco dimensões: resposta a tratamento injusto, discriminação, preocupação, questões globais e queixa apresentada, a escala demonstra alta confiabilidade e validade, correlacionando-se significativamente com outros instrumentos de avaliação de discriminação (Fattore et al., 2018).

A análise estatística foi construída com aplicação do teste Qui Quadrado e de Fisher, pois é possível identificar a correlação entre os itens da escala de experiências de discriminação e a sua relação com a raça (Maroco, 2018). Neste estudo, a raça autodeclarada dos estudantes foi relacionada com algumas dimensões da escala de experiência de discriminação, como: Experiência de discriminação racial e Resposta ao tratamento injusto.

A pesquisa contou com a participação de 751 alunos. A duração das entrevistas variou entre 15 a 20 minutos, incluindo a explanação dos objetivos do estudo e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os critérios de inclusão envolveram estudantes com idades iguais e superiores a 18 anos com matrícula ativa em uma das instituições de ensino superior do Ceará participantes da pesquisa. Em contrapartida, foram excluídos os estudantes que não preencheram o questionário por completo.

É importante destacar que esta pesquisa está em conformidade com as diretrizes estabelecidas na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Essa Resolução ressalta a necessidade de considerar as perspectivas tanto dos indivíduos quanto das comunidades envolvidas em pesquisas com seres humanos. Baseia-se nos princípios da bioética, como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, com o objetivo de proteger os direitos e responsabilidades dos participantes da pesquisa. Além disso, é obrigatório fornecer informações claras a todos os participantes sobre como a pesquisa será conduzida (Brasil, 2012).

Este estudo trata-se de recorte de uma pesquisa mais ampla intitulada, "A discriminação racial e saúde mental nas universidades". Recebeu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) mediante o Parecer nº 6.279.258.

Resultados

Tabela 1 – Relação entre experiências de discriminação com a raça

	Parda (N=439)		Preta (N=93)		Branca (N=209)		Amarela (N=10)			
	N	%	N	%	N	%	N	%	χ^2_3	p
... sofreu a experiência de discriminação, ... por causa da sua raça, etnia ou cor?									160,755	*** 0,000
Não	303	69,0	17	18,3	191	91,4	7	70,0		
Sim	136	31,0	76	81,7	18	8,6	3	30,0		
a) Na escola									111,558	*** 0,000
baixa exposição	293	66,7	26	28,0	186	89,0	6	60,0		
alta exposição	146	33,3	67	72,0	23	11,0	4	40,0		
b) Ao procurar emprego									79,406	*** 0,000
baixa exposição	393	89,5	58	62,4	204	97,6	9	90,0		
alta exposição	46	10,5	35	37,6	5	2,4	1	10,0		
c) No trabalho									66,516	*** 0,000
baixa exposição	391	89,1	60	64,5	202	96,7	10	100,0		
alta exposição	48	10,9	33	35,5	7	3,3	0	0,0		
d) Ao comprar uma casa									10,552	* 0,014
baixa exposição	427	97,3	86	92,5	207	99,0	10	100,0		
alta exposição	12	2,7	7	7,5	2	1,0	0	0,0		
e) Procurando cuidados médicos									68,030	*** 0,000
baixa exposição	411	93,6	67	72,0	206	98,6	10	100,0		
alta exposição	28	6,4	26	28,0	3	1,4	0	0,0		
f) Solicitando serviço em loja ou restaurante									153,510	*** 0,000
baixa exposição	363	82,7	34	36,6	201	96,2	10	100,0		
alta exposição	76	17,3	59	63,4	8	3,8	0	0,0		
g) Ao pedir crédito ou empréstimo bancário									9,589	* 0,022
baixa exposição	419	95,4	87	93,5	208	99,5	10	100,0		
alta exposição	20	4,6	6	6,5	1	0,5	0	0,0		
h) Na rua ou em estabelecimento público									155,316	*** 0,000
baixa exposição	341	77,7	27	29,0	198	94,7	8	80,0		
alta exposição	98	22,3	66	71,0	11	5,3	2	20,0		
i) Pela Polícia ou no Fórum									86,561	*** 0,000
baixa exposição	412	93,8	63	67,7	205	98,1	10	100,0		
alta exposição	27	6,2	30	32,3	4	1,9	0	0,0		

Os dados sociodemográficos demonstram que a maioria dos alunos que participaram eram mulheres, representando 52,5% (394), com a idade predominante de 18 a 23 anos. Os alunos com 18 ou 19 anos representavam 22% (22), os alunos com 20 ou 21 anos representavam 25,1% (188) e os alunos com 22 ou 23 anos representavam 24,4% (183). Além disso, a tabela mostra que mais da metade dos alunos, 58,5% (439), disseram ser da raça parda e apenas 12,4% (93) disseram ser pretos.

A Tabela 1 mostra experiências de discriminação racial em várias circunstâncias, também com base no teste Qui-

Quadrado. Os números de estudantes que relataram ter sofrido discriminação são divididos entre aqueles com baixa e alta exposição à discriminação. Os dados são coletados para cada situação de discriminação, como quando procuram emprego, trabalho, compram uma casa, procuram tratamento médico, pedem crédito ou empréstimo bancário, estão na rua ou em estabelecimentos públicos, e estão na polícia ou no fórum.

As pessoas de raça parda responderam com 31% (136) e as pessoas não pardas responderam com 69% (303). A cor preta e a cor parda foram as raças mais propensas a experimentar discriminação racial, com a cor preta em situações como procurar emprego, ser abordada pela polícia ou um tribunal, e a cor parda em situações como procurar uma casa, procurar tratamento médico, visitar uma loja ou restaurante, pedir crédito ou empréstimo bancário e estar na rua ou em um local público.

Tabela 2 – Relação entre resposta ao tratamento injusto com a raça

	P a r d a (N=439)		P r e t a (N=93)		B r a n c a (N=209)		A m a r e l a (N=10)		X ² ₃	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
I) Se você sente que está sendo tratado injustamente, você geralmente:									1,371	0,712
a) Aceita isto como um fato da vida	106	24,	23	24,	54	25,	1	10,		
b) Tenta fazer alguma coisa contra isto	333	75,	70	75,	155	74,	9	90,		
II) Se você está sendo tratado injustamente, você geralmente:									4,259	0,235
a) Fala com outras pessoas sobre isto	338	77,	73	78,	162	77,	5	50,		
b) Guarda isto consigo mesmo	101	23,	20	21,	47	22,	5	50,		

A análise da resposta ao tratamento injusto entre os universitários, baseada na aplicação do teste Qui-Quadrado, é apresentada na tabela 2. A maioria dos alunos da raça parda, com 24,1% (106), aceita o tratamento injusto como um fato da vida e também tenta fazer algo em relação a isso, de acordo com a pergunta I. A pergunta II se refere à maneira como o estudante comunica quando acha que está sendo tratado injustamente: se guarda isso para si mesmo ou fala sobre isso com outras pessoas. A maioria das pessoas da raça parda falou sobre o tratamento injusto com outras pessoas, 77% (338), e a maioria também disse que guarda isso consigo mesmo, 23% (101).

Discussão

O racismo arraigado na sociedade brasileira historicamente levou os pretos e pardos a participar mais lentamente e mais tarde das universidades. Antes de 2012, o acesso ao ensino superior era exclusivamente baseado no desempenho no vestibular, favorecendo aqueles com mais dinheiro e melhor acesso à educação. No entanto, a Lei no 12.711/2012, também conhecida como Lei de Cotas, foi promulgada com o objetivo de diminuir as disparidades sociais na educação, reservando vagas para negros e pardos. Embora essa lei tenha aumentado o envolvimento desses grupos nas universidades, as diferenças entre os estudantes brancos e de cor continuam a ser visíveis (Mendes e Waltenberg., 2022). Em um estudo realizado por Baumgarten et al. (2019), 15 estudantes universitários de ambos os sexos, com idades entre 20 e 42 anos, descobriu-se que, além de questões de sexualidade, a aparência física e a cor da pele eram fatores frequentemente associados à discriminação que enfrentavam. Essas experiências, que são atribuídas a várias causas, mostram a complexidade e a simultaneidade dos diferentes tipos de discriminação. A maioria dessas experiências ocorreu na escola, especialmente no ensino fundamental e médio. No entanto, a discriminação também foi relatada em ambientes como universidade, família, espaços públicos, comércio, festas e trabalho, refletindo a variedade de contextos mencionados na literatura.

Oliveira et al. (2022) destacam o persistente racismo no Brasil, que discrimina a população negra e silencia críticas às ações racistas. Isso leva muitos, incluindo estudantes pardos, a aceitar o tratamento injusto como parte da vida, apesar de ser criminoso. A resistência, presente desde os quilombos coloniais, continua hoje, com a comunidade negra, especialmente os jovens, usando expressão artística, movimentos culturais e outras ações para fortalecer sua comunidade em uma sociedade racista.

Conclusões

A maioria dos alunos participantes eram mulheres 52,5% (394), com média de idade de 22,8 anos, e a raça predominante era a parda 58,5% (439), seguida por pretos 12,4% (93). Entre os pardos, 31% (136) relataram que sofreram discriminação racial e 24,1% (106) aceitaram o tratamento injusto como fato da vida. Além disso, 75,9% (333) tentaram reagir contra a discriminação, 77% (338) conversaram sobre o tratamento injusto com outras pessoas, e 23% (101) guardaram a experiência para si.

Embora a Lei de Cotas de 2012 tenha aumentado o acesso à educação superior para muitos estudantes negros, muitos ainda estão enfrentando grandes problemas. Além das dificuldades acadêmicas, as condições sociais e financeiras precárias dificultam a permanência desses alunos na universidade. A discriminação racial e o racismo continuam a afetar a permanência dos alunos, aumentando a taxa de evasão.

Portanto, é crucial que mais estudos como este devem ser realizados com mais frequência para expor a realidade dos alunos pretos e pardos em instituições de ensino superior públicas e privadas. A discriminação racial contra estudantes universitários persiste e exige luta constante para eliminar.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Financiamento

Este artigo foi apoiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do CINTESIS, Unidade I&D (ref. UIDB/4255/2020 e ref. UIDP/4255/2020).

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo suporte financeiro e incentivo à pesquisa, fundamentais para a realização deste estudo através da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica - BPI.

Contribuições autorais

Conceptualização, EO.; metodologia, EO.; preparação do draft original, FO; JC. e ABC.; redação – FO; JC. e ABC.; visualização, GL. e MV; supervisão, PP. e PA.; coordenação do projeto, EO.; obtenção de financiamento, EO. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Referências bibliográficas

- [1] Almeida S. Racismo Estrutural. São Paulo, Polén, 2019. ISBN: 978-85-98349-74-9.
- [2] Baumgarten A, De Carli G, Kargwanski P, Bastos JL, Celeste RK, Toassi RFC. Experiências discriminatórias: narrativas de universitários do sul do Brasil. R. Fac. Odontol. Porto Alegre [Internet]. 14 dez. 2019;60(2):20-33. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistadaFaculdadeOdontologia/article/view/92270>.
- [3] Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1:59, 13 jun. 2013.
- [4] Fattore GL, Amorim LD, Santos LM, Santos DN, Barreto ML. Personal-Level and Group-Level Discrimination and Mental Health: the Role of Skin Color. Journal of Racial and Ethnic Health Disparities. 2018;5(5):1033-1041. doi: <https://doi.org/10.1007/s40615-017-0451-0>.
- [5] Krieger N. Embodying inequality: A review of concepts, measures, and methods for studying health consequences of discrimination. International Journal of Health Services. 1999;29(2):295-352. doi: 10.2190/M11W-VWXX-KQM9-G97Q.
- [6] Maroco, J. Análise estatística: com utilização do SPSS. 7ª ed. ReportNumber, Lda; 2018.
- [7] Mendes Junior AAF, Waltenberg FD. Políticas de cotas não raciais aumentam a admissão de pretos e de pardos na universidade? PPP [Internet]. 10 jan. 2022;(44). Disponível em: <http://ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/399>.
- [8] Moore DS. Introduction to the Practice of Statistics. WH Freeman and company; 2009.
- [9] Munanga, K. As ambiguidades do racismo à brasileira. O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2020. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_3117175_AsAmbiguidadesDoRacismoABrasileira.pdf.
- [10] Oliveira EN, França S, Feijó IG, Melo FV, Almeida PC, Ximenes Neto FR, Lima G, Martins P. Collection of biological samples in forensic toxicology. Toxicol Mech Methods 20:363-414, 2010. "A cor da minha pele me define": experiências de discriminação racial sofridas por negros. gestaoedesenvolvimento [Internet]. 20 set. 2022;(30):505-23. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/11664>.
- [11] Valério AC de O, Bezerra WC, Santos VS dos, Leite Junior JD, Farias MN, Santos SMB dos. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. Cad Bras Ter Ocup [Internet]. 2021;29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2278>.
- [12] Venâncio KR. Impactos do racismo na vivência universitária: a experiência de estudantes negros em uma universidade pública brasileira (2017-2018) [dissertação de mestrado]. Limeira, SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas; 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/14753>.